



# Representações da ditadura brasileira no romance pós-ditatorial



## Metodologia

O trabalho baseou-se na leitura, discussão e reflexão acerca da obra literária; e posteriormente da leitura, discussão, reflexão crítica e fichamento da bibliografia teórica. Procurou-se depreender as questões analisadas por meio de temas que surgiram internamente ao próprio texto e, também, por meio do contexto em que a obra se insere e da repercussão que provoca no campo literário.

## Resultados

Se a punição dos responsáveis por um dos capítulos mais horrendos de nossa história é hoje uma ilusão, ainda existem lugares em que é possível prestar solidariedade às vítimas da ditadura e narrar o que ocorreu àqueles que, como eu, não viveram os “anos de chumbo”. O texto literário, nesse sentido, é importante porque possibilita a revisão da história por meio da ficção: “O passado está aberto para novas interpretações, dando a importância da literatura para reelaborar os traumas causados pela ditadura” (FIGUEIREDO, 2017, p. 41). Consegue-se, além disso, contrapor discursos divergentes e “romper com explicações totalizantes e apaziguadoras que ofendem a as lembranças das vítimas e de suas famílias.” (idem)

A resistência constitui-se, nesse cenário, como uma importante obra, tendo em vista o diálogo que estabelece entre o Brasil e a Argentina e, sobretudo, a reflexão sobre a ditadura a partir da perspectiva da geração pós-ditatorial. Junto a outros autores contemporâneos que se propuseram narrar a ditadura mesmo sem a terem vivido – Paloma Vidal, por exemplo – Fuks contribui para que o tema se consolide, alcance diferentes gerações e penetre o discurso social de maneira reflexiva e crítica. A partir de uma perspectiva pós-memorial, o narrador, ao evocar a história dos pais, estabelece vínculos com o passado – não só por proporcionar conhecê-lo melhor, mas também por permitir uma tomada de posição em relação ao que ocorreu.

A relação com o contexto latino-americano é ainda trabalhada por meio do sentimento de culpa que apresenta Emi, narrador do romance. Ao escrever uma autoficção e direcionar o texto a seu irmão e também a seus pais, Fuks encara o dilema ético envolvido na representação do outro, expondo no texto, de maneira explícita, o sentimento de impotência diante a representação literária. Quanto a isso, vale ressaltar o procedimento como uma estratégia em favor do texto autoficcional, mas também um artifício metalinguístico que contribui para um texto sincero.

## Bibliografia

- FIGUEIREDO, Euríclio. A literatura como arquivo da ditadura. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2017.  
FUKS, Julián. A resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.  
HIRSCH, Marianna. The Generation of Postmemory. Poetics Today, Porter Institute for Poetics and Semiotics. 29: 1 (Spring 2008).  
KLINGER, Diana. Literatura e ética: da forma para a força. São Paulo: Rocco, 2014.  
LUDMER, Josefina. “Literatura pós-autônoma” in Aquí América Latina. Buenos Aires: Eterna cadência, 2010.  
SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## Introdução e objetivos

Este trabalho pretende analisar as diferentes formas de representação da ditadura militar brasileira dos anos 1964-1985 e de seus ecos em romances brasileiros contemporâneos, em especial no romance *A resistência*, de Julián Fuks. A partir da constatação do resgate desse tema nos últimos anos, o qual marcou a produção literária das décadas de 1970 e 1980, busca-se investigar as motivações por trás de tal retomada e os tratamentos estéticos adotados para isso, especialmente em obras escritas por autores pertencentes à geração pós-ditatorial. Intenta-se, por fim, pesquisar o conceito de pós-memória e a possibilidade de leitura desses romances a partir dessa noção, analisando seus desdobramentos teóricos, éticos, estéticos e políticos.

## Embasamento teórico

O trabalho se desenvolveu em dois principais eixos: o primeiro tratou sobre a questão da pós-memória, e para isso recorreu às obras de Marianne Hirsch e Beatriz Sarlo; já o segundo abordou a relação entre literatura e autonomia, com o apoio das obras de Diana Klinger, Josefina Ludmer e Euríclio Figueiredo. Embora teoricamente impreciso e problemático, a noção de pós-memória permite a análise de um conjunto de obras posteriores a catástrofes a partir da perspectiva da “segunda geração”, em que a mediação e a carga afetiva constituem aspectos determinantes no processo de reflexão sobre determinado momento histórico que não foi vivido pelo artista. Quanto à questão da pós-autonomia, observou-se de que forma as escritas contemporâneas se tomam cada vez mais híbridas e em diálogo com outros campos do conhecimento, não sendo o texto literário mais compreendido independentemente da história, da política etc. A autoficção, sob essa ótica, apresenta-se como um mecanismo desestabilizador da representação, colocando em jogo o histórico e o ficcional.

